

Luís Salvador Gnoato

Preservação da Arquitetura dos Primeiros Modernos em Curitiba.

Experiência de legislação de preservação de bens culturais modernos

O conteúdo deste trabalho está incluído entre os documentos aprovados pelo Comitê Científico do III Seminário DOCOMOMO Brasil, a ser realizado em São Paulo, de 8 a 11 de dezembro de 1999, como um dos eventos da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura.

Experiência de Preservação da Ocupação Histórica de Curitiba - UIP

A arquitetura remanescente da ocupação histórica de Curitiba está protegida através de uma estrutura consolidada de ação do IPPUC, baseada na Lei Municipal 6.337 de 1982, que teve como desdobramento as **Unidades de Interesse de Preservação - UIP**.

A listagem das UIP teve como critério estabelecer as edificações antigas da cidade como forma de preservar a ocupação histórica da cidade. Salvo exceções, a maioria destas edificações, foram construídas desde as últimas décadas do século XIX até 1940 aproximadamente. Estas unidades compõem amplo espectro da arquitetura eclética, maneira de se projetar utilizada no Brasil entre o final do Império e o início da República.

Muitas destas edificações têm interesse por sua volumetria e por sua inserção na paisagem urbana, de forma que alterações radicais na estrutura interna e nas disposições e usos espaciais frequentemente não prejudicam o interesse pela preservação do imóvel.

Outro aspecto a ser levantado é o fato de que estas edificações normalmente não terem autor conhecido. Na inexistência de cursos de graduação em engenharia ou em arquitetura, as edificações eram executadas, a maior parte das vezes, por profissionais não graduados.

Incentivos construtivos, transferência de potencial e abatimento do Imposto Predial, foram alguns dos mecanismos criados que possibilitaram a recuperação e a manutenção de muitas edificações. Técnicos da municipalidade e conselho específico deram suporte a estas ações.

Estudo das Unidades de Preservação Modernas – UIPM

Com base nesta experiência, pretende-se ampliar a ação da Prefeitura, incluindo os imóveis modernos como objetos de preservação, que passariam a se chamar de **Unidades de Interesse de Preservação Modernas - UIPM**.

No Brasil o interesse pela preservação da Arquitetura do Movimento Moderno tem se intensificado, com a realização do III Seminário do DOCOMOMO, em São Paulo, junto com 4ª. Bienal Internacional de Arquitetura, em dezembro de 1999; e a VI Conferência Internacional, realizada em Brasília, de 19 a 22 de setembro de 2000.

Em Curitiba o 1º Congresso de Arquitetura & Cultura Contemporânea, realizado na PUCPR em agosto de 1998, resultou em um manifesto com mais de trezentas assinaturas. No ano seguinte, através ofício assinado pelas universidades e entidades de classe dos arquitetos, foi solicitado o tombamento das obras de Vilanova Artigas em Curitiba e da casa Ayrton João Cornelsen.

Em outubro de 1999, em documento assinado pelo Sinduscon, FIEP, ACP e ASPEA, entre outras entidades da sociedade civil organizada, foi solicitada a preservação das unidades modernas acompanhando a análise da nova proposta de Zoneamento e Uso do Solo para Curitiba apresentada pelo IPPUC.

Movimento Moderno da Arquitetura

A modernidade, no século XX, atingiu praticamente todas as cidades do mundo onde houve um algum crescimento econômico. A cidade moderna, que entendemos aqui, é aquela que rompeu as estruturas de edificações apertadas construídas em ruas estreitas, e que foi acompanhada de crescimento econômico acelerado e adensamento populacional. A cidade moderna é também aquela que acompanhou os avanços de igualdade e justiça social, tendo na proposta de espaço físico o ambiente para que estas transformações pudessem acontecer.

O arcabouço teórico do Movimento Moderno da Arquitetura foi estruturado pelas vanguardas dos anos 1920, que Giulio Carlo Argan classificou segundo diversos **racionalismos**:

Distinguem-se diversas formulações problemáticas e diversas orientações, ligadas às diversas situações objetivas, sociais e culturais. Assim pode-se distinguir: 1) um **racionalismo formal**, que possui seu centro e tem à frente Le Corbusier; 2) um **racionalismo metodológico-didático**, que possui seu centro na Alemanha, na Bauhaus, e tem à frente W. Gropius; 3) um **racionalismo ideológico**, o Construtivismo Soviético; 4) um **racionalismo formalista**, o do Neoplasticismo holandês 5) um **racionalismo empírico** dos países escandinavos, que tem seu máximo expoente em A. Aalto; 6) um **racionalismo orgânico** americano, com a personalidade dominante de F.L.Wright.¹

Os modernistas tinham em comum a proposta de uma nova linguagem para a arquitetura e para as cidades, baseados nas novas disponibilidades tecnológicas e destinadas a atender a uma

nova sociedade, inserida na era industrial. No pós-guerra, com a reconstrução europeia, estes princípios foram colocados em prática em grande escala, enquanto nos Estados Unidos, a difusão do Movimento Moderno ficou conhecida como Estilo Internacional.

Le Corbusier, Walter Gropius, Mies van der Rohe e Frank Lloyd Wright foram as principais figuras da primeira geração de arquitetos modernos, e dentre os teóricos, críticos e historiadores encontramos: Sigfried Giedon, Leonardo Benevolo, Bruno Zevi, Giulio Carlo Argan e Reyner Banham.

Na década de 1970, alguns dos princípios da arquitetura e do urbanismo modernos são colocados em discussão e surge uma nova tendência conhecida como pós-modernismo. Entre os críticos deste período podemos citar: Robert Venturi, Colin Rowe, Charles Jencks, Kenneth Frampton e William Curtis.

Inserção contextualizada no meio urbano, posturas ambientalmente corretas, alta tecnologia, linguagem mais comunicativa, referências a outras linguagens estão entre as arquiteturas cuja pluralidade é analisada de forma diferenciada por diversos críticos.

Os novos “ismos,” como pós-modernismo, deconstrutivismo, regionalismo crítico e outras tendências contemporâneas surgidas nas últimas três décadas, deverão ser objeto de investigações mais apuradas para se que sejam detectados quais os edifícios mais significativos.

Movimento Moderno da Arquitetura no Brasil

Em sentido geral os fundamentos teóricos básicos estabelecidos pelo Movimento Moderno de Arquitetura estão presentes até os dias atuais. Considerando-se que as primeiras manifestações ocorreram no Brasil na década de 1920, tem-se hoje uma perspectiva histórica de mais de 70 anos. Em vez dos “estilos” do século XIX, pode-se estudar as diversas “tendências” do Movimento Moderno da Arquitetura.

Depois das casas modernistas de Warchavichik, o grande momento da arquitetura acontece com a realização do **Edifício do Ministério da Educação e Saúde - MES**, no Rio de Janeiro, elaborado pela equipe de Lucio Costa, depois da visita de Le Corbusier em 1936.

Deste ponto de partida inicia-se o desenvolvimento da **Escola Carioca** com Oscar Niemeyer, Affonso Reidy, Jorge Moreira, os irmãos M. Roberto, Sergio Bernardes, entre outros.

Oscar Niemeyer e seus contemporâneos libertam-se de Le Corbusier, criando linguagem brasileira. A trajetória do Arquiteto prossegue com o Pavilhão Brasileiro na Exposição nos EUA, nas obras de Pampulha em Belo Horizonte, no Ibirapuera em São Paulo, culminando com os edifícios públicos junto do Plano Diretor de Brasília.

Lucio Costa é a figura proeminente desse período. Intelectual refinado liderou várias gerações de arquitetos e urbanistas, inserindo o movimento moderno no panorama cultural brasileiro.

Na década de 1950 surge em São Paulo outro grupo de arquitetos que configuram a **Escola Paulista**. Junto com Lina Bo Bardi, Paulo Mendes da Rocha, Rino Levi e Oswaldo Bratke, Vilanova Artigas é uma das figuras proeminentes deste debate. Em sua arquitetura, onde os princípios de honestidade no uso de materiais são exacerbados, o programa de distribuição dos espaços do edifício, desenvolve-se sob grandes grelhas de concreto armado.

Com o processo de urbanização se intensificando em todo o país, a interpretação do Movimento Moderno da Arquitetura se apresenta com características específicas em diversas cidades brasileiras.

O estudo das principais obras executadas até a década de 1960, deveria se colocar como prioridade no início do processo de seleção das UIPM.

Criação do CeMoMo Curitiba

A responsabilidade pela conceituação, pelos critérios de inclusão na lista das UIPM e pela sua forma de preservação, deverá ficar a cargo de um conselho específico: o **CeMoMo Curitiba - Conselho de Estudo do Movimento Moderno na Arquitetura de Curitiba**.

Inicialmente este conselho poderia ser formado por representantes dos organismos municipais e estaduais relacionados com a preservação de bens imóveis, por entidades de classe da arquitetura e pelos cursos universitários, ficando com o seguinte formato:

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba,

SECE - Secretaria Estadual da Cultura,

Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR,

Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUCPR,

Curso de Arquitetura e Urbanismo da UTP,

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Unicamp,

IAB PR – Instituto de Arquitetos de Brasil Departamento do Paraná,

SindArqPr – Sindicato dos Arquitetos e Urbanistas do estado do Paraná,

ASPEA – Associação dos Escritórios de Arquitetura do Paraná.

O mandato dos conselheiros e seus respectivos suplentes, representantes destas instituições, seriam indicados para um período de dois anos, com a possibilidade de uma renovação. A coordenação seria estabelecida pelos membros do conselho.

Caberá a este conselho definir as obras, os autores, as tendências, as tipologias, o porte e os grupos das UIPM.

Critério de seleção, características e tipologias

O tempo deve ser o elemento básico como critério determinante na escolha de uma unidade a ser preservada. Só o distanciamento no tempo permite uma análise serena da qualidade de uma obra, tanto para especialistas como para a comunidade. Pode-se estabelecer como 30 anos o período suficiente para se determinar uma tendência, ou se estudar a obra de um autor.

Os autores, que no momento de análise pelo conselho, já tiverem mais de 30 anos de exercício profissional e com reconhecimento pela comunidade, poderão obter estudo especial, de forma que possam ser estabelecidas suas obras mais significativas dentro das diversas fases de sua atividade de projeto. A partir deste momento, um projeto com menos de 30 anos, poderá se tornar uma UIPM.

As Unidades de Preservação Modernas - UIPM, terão critérios diferenciados de preservação, podendo se classificar de acordo com seu porte, em três grupos:

Porte I - Residências e edificações isoladas até 500 m²: Criteriosa seleção deverá ser realizada para eleger as obras mais significativas de cada arquiteto ou de cada tipologia, de forma a não se criar um elenco excessivo de edificações. As obras modernas necessitam preservação de seu espaço interno e de sua implantação, e neste sentido, diferem das obras ecléticas, cuja importância muitas vezes está mais relacionada com a paisagem urbana do que com a qualidade espacial interna. As edificações deste porte receberão incentivos semelhantes as UIP.

Porte II – Obras Públicas e de interesse coletivo: Estas edificações, pelo seu porte poderão ter seu potencial construtivo dividido em cotas, uma forma democrática de diluir o incentivo para diversos interessados, da mesma maneira como acontece com as Unidades de Interesse Especial de Preservação - UIEP.

Porte III – Edifícios em condomínio: Para edifícios em altura, o interesse na preservação encontra-se mais na volumetria e no saguão de entrada, do que na divisão interna, de forma que o abatimento do Imposto Predial, seria o incentivo mais apropriado para estas unidades.

Grupo A – Unidades de Interesse Fundamental: obras “canonizadas” ou seja, de consenso geral entre a comunidade como as mais representativas de uma tendência ou de um autor. Neste caso estas obras deveriam ser tombadas pelo Patrimônio Estadual.

Grupo B – Unidades de Interesse Primordial: obras de interesse municipal, incluídas como UIPM, que deveriam ter os incentivos construtivos.

Grupo C – Unidades de Interesse Básicas: obras complementares de uma tendência ou de um autor. Neste caso a iniciativa de preservação e utilização dos incentivos construtivos, deve partir do proprietário.

Recorte temporal da Arquitetura Moderna em Curitiba

A Arquitetura Moderna em Curitiba pode ser estudada em dois períodos. No primeiro momento, a interpretação do movimento moderno, ou aconteceu em função da realização de

arquitetos não estabelecidos em Curitiba, ou através da atuação de profissionais com formação em engenharia civil. O início deste período corresponde à contratação do **Plano Agache** (1943).

Alguns edifícios “pré-modernos” executados na década de 1930, com características Art-decô, como o CEFET, o Correio Velho e o Colégio Estadual do Paraná, mereceriam estudo mais aprofundado.

A **Casa Frederico Kirchgässner** de 1930 contemporânea das casas modernistas paulistas de Gregori Warchavchik, está tombada pelo Patrimônio Histórico Estadual. Sua casa, e de seu irmão Bernardo (1936), são as primeiras manifestações da Arquitetura Moderna nesta Cidade, e estão entre as primeiras no Brasil, nos anos 1920 e 1930.

Entre as obras dos arquitetos não residentes em Curitiba estão João Batista **Vilanova Artigas** e **Oswaldo Bratke**. Artigas nasceu em Curitiba, estudou e estabeleceu-se em São Paulo. Sua presença no Paraná esta marcada de forma direta através de seus projetos, e, de forma indireta, pela influência de sua obra.

Curitiba não dispunha, na década de 1940, de estrutura institucionalizada para urbanismo e arquitetura. Até então os planos para a Cidade não passavam de projetos de retificação e ampliação das ruas existentes. Por esta razão foi contratado o urbanista Alfred Agache, para elaborar Plano de Urbanização para Curitiba.

Da proposta de Agache surgiu, em 1953, a lei que dispõe sobre o **Código de Posturas e Obras de Curitiba**, que não foram inteiramente substituídos até os anos 1990. Essa legislação introduziu o conceito de *zoning* no momento em que a Cidade começou a construir seus primeiros edifícios em altura.

Os edifícios do Centro Cívico, o Edifício Souza Naves, de Heep e Elgson (1953), e o Edifício Sede do IAPAS (1955) de Ulisses Burlamarqui constituem a introdução da linguagem modernista em Curitiba, para edifícios em altura.

A modernidade em obras públicas aparece de forma contundente com atuação do governador Bento Munhoz da Rocha Neto, nas obras do Centenário de Emancipação Política do Paraná em 1953.

O rompimento definitivo do modelo eclético na Arquitetura de Curitiba, aconteceu com o abandono do desenho proposto por Agache para os edifícios do **Centro Cívico** e na escolha do projeto moderno de Rubens Meister, para a execução do **Teatro Guaíra**, que havia obtido terceiro lugar em concurso realizado em 1948. Os dois primeiros lugares eram propostas semelhantes aos Teatros Municipais de São Paulo e Rio de Janeiro.

As obras do Centro Cívico foram projetadas pela equipe de **David Azambuja**, integrada por Olavo Reidig de Campos, Flávio Régis e Sérgio Rodrigues, todos formados na escola de Arquitetura do Rio de Janeiro, onde a influência de Lúcio Costa e do Edifício do MES era predominante. A implantação dos edifícios em espaço livre e aberto, segundo os princípios da cidade moderna e dos CIAM.

Romeu Paulo da Costa realizou seus primeiros projetos com Rubens Meister. Dedicou-se ao magistério nos cursos de Engenharia Civil e Arquitetura e sua principal obra é a **Biblioteca Pública do Paraná**.

Nos anos 50, era intensa a atividade no mercado de trabalho, como foi o caso do engenheiro **Edmir Silveira d'Ávila**, autor do **Hipódromo do Tarumã**, falecido prematuramente aos 34 anos.

As casas de **Léo Lynzmeier** são exemplos de detalhe e refinamento construtivo. **Ayrton Cornelsen** realizou obra de grande diversidade. Complementou seus estudos de Engenharia em Curitiba, na escola de Arquitetura no Rio de Janeiro. Dirigiu e projetou diversas obras para o **DER** no Paraná. Suas obras mais interessantes porém são suas residências em Curitiba, criativas nas suas soluções de implantação e de espaços internos.

Duas personalidades realizam porém, no conjunto de suas obras, os edifícios mais significativos do primeiro período moderno em Curitiba: **Rubens Meister** e **Elgson Ribeiro Gomes**, ambos formados pela UFPR, mas com trajetórias diferentes.

O Teatro Guaíra, principal obra de Meister, pelas dificuldades enfrentadas durante o projeto e a execução da obra, e pela qualidade alcançada, principalmente nos aspectos técnicos, transformou-se em paradigma da primeira geração de arquitetos modernos de Curitiba. Em 1951, no canteiro de obras, Meister estabeleceu o primeiro escritório dedicado exclusivamente à arquitetura, do Paraná e Santa Catarina.

No Racionalismo de sua obra, identificado com a linguagem da *Bauhaus*, utilizando as técnicas construtivas que domina, Meister impõe sua personalidade realizando uma arquitetura vigorosa.

Elgson Ribeiro Gomes dedicou sua vida ao ofício da arquitetura e influenciou várias gerações, pela sua atividade docente exercida por 30 anos, desde a criação do Curso de Arquitetura na UFPR, onde era o profissional com mais idade e experiência.

Engenheiro Civil pela UFPR e insatisfeito com as limitações de sua formação, Elgson foi a São Paulo dedicar-se à Arquitetura, matriculando-se na Faculdade de Arquitetura do Mackenzie. Neste período trabalhou com Adolf Franz Heep, durante quase dez anos, de 1950 a 1959, tendo participado de seus projetos, como o Edifício Itália. Dessa colaboração, Elgson absorveu a experiência européia e a disciplina metodológica na confecção de projetos.

Os edifícios de Elgson são para Curitiba, exemplos significativos deste período. O Arquiteto praticamente esgotou as propostas de dimensionamento de área interna, em seus edifícios de apartamentos, e suas obras destacam-se na paisagem urbana da Cidade.

Na década de 1960, surgiu o primeiro curso de Arquitetura e Urbanismo, e ocorreu a discussão do **Plano Serete-IPPUC**, cujas transformações marcaram definitivamente o desenho urbano de Curitiba. A implantação deste Plano e a densa produção das décadas de 1960 e 1970 delimitam o segundo período da Arquitetura Moderna em Curitiba, quando a ação dos arquitetos

teve suas obras mais conhecidas nacionalmente, através dos concursos. As obras de arquitetura produzidas nestas décadas serão objeto de outro ensaio.

Bibliografia

- ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo 1947 - 1975*, São Paulo, Editora Projeto, 1986.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna - Do Iluminismo aos Movimentos Contemporâneos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- BANHAM, Reyner. *Teoria e Projeto na Primeira Era da Máquina*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1979.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1976.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1981.
- COSTA, Lucio. *Lucio Costa - Registro de uma Vivência*, São Paulo, Empresa das Artes, 1995.
- CURTIS, William J. R. *Modern Architecture since 1900*, Phaidon, London, 1997.
- DUDEQUE, Irã. *Cidade sem Véus - doenças, poder e desenho urbano*, Editora Universitária Champanhãt, Curitiba, 1995.
- FRAMPTON, Kenneth, *Historia Crítica da Arquitetura Moderna*, São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- GIEDON, Sigfried. *Espacio, Tiempo y Arquitectura*, Madrid, Editorial Dossat, 1978.
- GNOATO, Luís Salvador. *Introdução do Ideário Modernista na Arquitetura de Curitiba (1930-1965)*, Dissertação de Mestrado, São Paulo, FAU USP, 1997.
- HITCHCOCK, Henry-Russel; Johnson Philip. *The International Style*, The Norton Library, New York, 1966.
- IMAGUIRE JUNIOR, Key. *A Arquitetura no Paraná*, Dissertação de Mestrado, História UFPR, 1982.
- JENCKS, Charles. *Movimentos Modernos em Arquitetura*, São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- *The Language of the Pós-Modern Architecture*, London, Academy Editions, 1981.
- KOPP, Anatole. *Quando o Moderno não era um Estilo e sim uma Causa*, São Paulo, Nobel-Edusp, 1990.
- LE CORBUSIER. *Por uma Arquitetura*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1981.
- MINDLIN, Henrique. *Modern Architecture in Brazil*, Introdução de Sigfried Giedon, Amsterdam, Colibris, 1956.
- OBA, Leonardo Tossiaki. *Marcos Urbanos e a Construção da Cidade: a Identidade de Curitiba*, Tese de Doutorado, FAU USP, São Paulo, 1999.
- PEREIRA, Miguel Alves. *Arquitetura, texto e contexto: o discurso de Oscar Niemeyer*, Editora Universidade de Brasília, 1997.
- ROWE, Colin; KOETTER, Fred. *Collage City*, The MIT Press.
- SANTOS, Paulo. *Quatro Séculos de Arquitetura*, Rio de Janeiro, IAB, 1981.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*, São Paulo, EDUSP, 1998.
- VENTURI, Robert. *Complexidade e Contradição em Arquitetura*, São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- XAVIER, Alberto. *Arquitetura Moderna em Curitiba*, São Paulo, Editora Pini, 1985.
- ZEVI, Bruno. *Architettura in Nuce - Uma Definição de Arquitetura*, São Paulo, Editora Martins Fontes, 1979.
- *Saber Ver a Arquitetura*, São Paulo, Editora Martins Fontes, 1992.

Notas

- ¹ ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna - Do Iluminismo aos Movimentos Contemporâneos*, São Paulo Companhia das Letras 1992, pág. 264.